

Características que sustentam as reportagens *longform* na internet

Fábio Rodrigues²⁹

Resumo

A internet é um meio de comunicação rápida, com notícias curtas e que explora alternativas de mídia, como áudio e vídeo. Em contraponto, as reportagens *longform* têm-se intensificado no cenário das empresas de comunicação. Em junho de 2015, o jornal Diário Catarinense publicou o material “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”, reformulando a linguagem tradicional do jornal e buscando alternativas audiovisuais. Este artigo apresenta características das reportagens *longform* que auxiliam e justificam a importância desses materiais em um ambiente com fluxo de informações rápidas, discutindo a presença do *longform* no webjornalismo, a compreensão independente de cada bloco narrativo, recursos multimídia e a subjetividade, tanto na escrita quanto na leitura da reportagem. As características da reportagem “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”, apresentadas neste artigo, foram identificadas com base na Análise da Narrativa proposta por Motta, Costa e Lima (2004).

Palavras-chave: Jornalismo. Webjornalismo. Especial multimídia. *Longform*. As Quatro Estações de Iracema e Dirceu.

²⁹ Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV, Especialista em Jornalismo Literário, pela Faculdade Vicentina – FAVI. E-mail: jor.fabiorodrigues@yahoo.com.br

Characteristics that keep as longform reports on the internet

Fábio Rodrigues

Abstract

The internet is a fast medium of communication with short news and it explores media alternatives such as audio and video. In contrast, longform reporting has intensified in the communications industry. In June of 2015, the newspaper *Diário Catarinense* published the material “The Four Seasons of Iracema and Dirceu”, reformulating the traditional language of the newspaper and searching for audiovisual alternatives. This article presents characteristics of the longform reports that help and justify the importance of these materials in an environment with rapid flow of information, discussing the presence of longform in webjournalism, independent comprehension of each narrative block, multimedia resources and subjectivity, both in writing and in reading the report. The characteristics of the report “The Four Seasons of Iracema and Dirceu”, presented in this article, were identified based on the Narrative Analysis proposed by Motta, Costa e Lima (2004).

Keywords: Journalism. Webjournalism. Special multimedia. Longform. The Four Seasons of Iracema and Dirceu.

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo na internet tem-se reinventado e está em constante mudança, principalmente, devido à urgência de prender a atenção do leitor em um ambiente dinâmico e mutável.

No início, a web era apenas mais um meio em que se publicava o mesmo texto dos jornais impressos: uma transposição do impresso para a internet, com uma ou duas matérias produzidas pelos jornais, publicadas no ambiente online. De fato, um jornal online.

Aos poucos, galerias de fotos, links e e-mails começaram a ser incorporados a essas reportagens. Recursos da internet passaram a ser observados com maior atenção pelas redações, ampliando o aspecto da reportagem. Mielniczuk (2007) considera esta como a fase da metáfora, mas, ainda, jornalismo online.

A terceira fase do jornalismo na internet assume o conceito de web-jornalismo, em que iniciativas específicas para esse ambiente começam a surgir, explorando todas as potencialidades da web, chamados de recursos de hipermídia, como interatividade, multilinearidade e a adição de elementos multimídia (imagens em movimento, sons e infográficos interativos). Pontos fortes podem estar em blocos narrativos de imagem, texto ou som; ou, ainda, na combinação de dois ou mais recursos midiáticos. Isso abriu espaço para as reportagens *longform*, que, segundo Longhi e Winkes (2015), é fruto de uma crescente oferta do jornalismo investigativo na internet, causada pelo aumento da presença de organizações jornalísticas nativas no ambiente digital e como uma alternativa para o texto em profundidade.

A combinação de conteúdo com os recursos de hipermídia possibilita que o leitor escolha seu próprio percurso no texto (CANAVILHAS, 2006). Estabelecer uma rota ideal de leitura é tarefa inadequada para o jornalista que escreve sua reportagem para a internet. Cada leitor tem uma experiência diferente, uma forma nova de consumir a informação. A experiência, então, é subjetiva.

Dessa forma, a proposta deste artigo é discutir as características que sustentam as reportagens *longform* em um ambiente que tinha como referência as notícias curtas e a comunicação imediata. Para isso, tomou-se como objeto de estudo a reportagem "As Quatro Estações de Iracema e Dirceu"³⁰, um especial multimídia publicado pelo Diário Catarinense, em 21 de junho de 2015, e narrado pela repórter Ângela Bastos.

³⁰ Reportagem disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/index.html>. Acesso em: 13 fev. 2016.

A reportagem é resultado de dois anos e sete meses de produção, em que a jornalista acompanhou a família Canofre, em Timbó Grande, interior de Santa Catarina. O material tem fotos, vídeos, áudios e infográficos, divididos em cinco partes narrativas: Família, Outono, Inverno, Primavera e Verão.

2 LONGFORM NO WEBJORNALISMO

O *longform* está associado a um tratamento mais aprofundado e, conseqüentemente, mais longo da notícia, conforme explicação de Longhi e Winkes (2015). Tem sido uma ramificação do jornalismo na internet, que há alguns anos começou a receber materiais mais longos, contrapondo o já acostumado modelo de notícias curtas e fragmentadas.

Segundo Longhi (2014, p.911), o *longform* pode ser definido como “matérias com mais de 4.000 palavras ou grandes reportagens com entre 10 e 20 mil palavras”. Esse formato também é chamado de grande reportagem multimídia, uma vez que está relacionado a “1) um nível mais profundo de relato que vai além da produção diária e/ou 2) narrativa apresentada de forma mais atraente, frequentemente com elementos multimídia que aprimoram a experiência.” (FISCHER, 2013)³¹.

O Jornalismo, em todas as suas plataformas, utiliza-se do texto para informar. A atividade é desenvolvida com o auxílio da escrita mesmo no rádio e na TV. Na internet, não é diferente: a linguagem é elemento fundamental.

Com a máxima de que a internet é um ambiente de textos curtos, notícias rápidas e “em tempo real”, há a preocupação de que o código linguístico seja utilizado de forma correta. Gonzaga-Pontes e Ribeiro (2013, p.110) afirmam que “aspectos como a apuração e a revisão do texto (ou o cuidado com o ‘texto final’) tornam-se menos importantes do que critérios como a recência e a instantaneidade da informação”.

Então, para livrar o peso sobre o *longform* no webjornalismo, destaca-se a utilização de blocos informativos, cujas profundidades determinam-se também pelo empenho do jornalista em continuar a narrativa até o máximo grau de esgotamento.

Longhi e Winkes (2015) afirmam que o *longform* é fruto de uma crescente oferta do jornalismo investigativo na internet, causada pelo aumento da presença de organizações jornalísticas nativas no ambien-

³¹ Tradução minha. No original: “1) a level of in-depth reporting that goes beyond the everyday standard of production and/or 2) narrative storytelling that’s presented in an appealing way, often with multimedia elements to enhance the piece”.

te digital e como uma alternativa para o texto em profundidade. No *longform*, o jornalista tem um árduo trabalho de checagem de informação, uma vez que o conteúdo é, geralmente, bem extenso. Aqui, vale a afirmação de escrever apenas o necessário, mas muito do necessário.

Saliente-se que o *longform* abriu espaço para o surgimento de lugares representativos de publicação desses textos, como sites de jornais de referência, sites nativos digitais, agregadores de narrativas *longform*, projetos de *crowdfunding*, sites destinados a escritores e ao mercado de narrativas *longform* e sites de conteúdo pagos (LONGHI; WINQUES, 2015). Os sites *Medium* e *Atavist* são alguns dos locais em que esse formato tem vez. Nessas plataformas, o objetivo é estimular novos autores a publicarem suas obras textuais, permitindo a inserção de formatos audiovisuais.

As reportagens *longform* se ajustam a dois padrões de leitura, conforme explicam Longhi e Winques (2015): a vertical e a horizontal. A narrativa verticalizada é baseada pela barra de rolagem. Já a leitura horizontal se utiliza de capítulos ou seções. Afinal, o *longform* é uma mídia para ser consumida lentamente.

Segundo Canavilhas (2014, p.4), na Web, “o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto.” Assim, a estrutura do webjornalismo não pode ser de uma pirâmide invertida, como adotado pelo jornalismo impresso, mas uma pirâmide deitada. O conceito é baseado na funcionalidade dos hiperlinks. A base informativa é, portanto, sucedida por níveis que permitem, por meio desses hiperlinks, o aprofundamento dos temas.

Como característica principal, Longhi (2009, p.156) aponta que as grandes reportagens multimídia, em grande parte, são “amplas coberturas temáticas”, em que, além do texto, “há possibilidade de ver e ouvir entrevistas em vídeo e áudio, depoimentos, além de slide-shows e infográficos.” Outro ponto principal das grandes reportagens multimídia é que elas não são meras cópias ou reproduções de uma publicação no formato impresso, mas textos pensados para a internet, da melhor maneira possível, em vários tipos de dispositivos.

Na reportagem *longform* analisada, cada bloco narrativo é considerado um nível nessa pirâmide deitada. Os hiperlinks, nesse caso, são os vídeos, áudios e infográficos presentes entre o texto, que quebram o fluxo de leitura e, ainda assim, oferecem oportunidades ao leitor para que conheça mais informações. É importante ressaltar que cada elemento multimídia aprofunda o tema que é narrado em texto, com informações ainda não expostas ou com valorização de questões que propõem a intenção de sentido da autora ao texto.

O procedimento metodológico utilizado para esta análise, estruturado pelo autor deste artigo, classifica os blocos narrativos nos seguintes parâmetros: categoria, tempo, momento narrativo, interdependência, escolhas narrativas e efeitos de sentido, com base na Análise da Narrativa proposta por Motta, Costa e Lima (2004). Os recursos de hipermídia foram numerados e referenciados a partir da frase de abertura, seja textual seja audiovisual, seja com o título.

Quadro 1 – Classificação da narrativa

Classificação	Descrição
Sequências	Número determinado para o bloco narrativo
Abre	Trecho de abertura ou título do elemento de hipermídia
Categoria	Recursos de hipermídia: imagem, vídeo, áudio, audiovisual, texto
Tempo	Min:seg
Momento narrativo	Situação inicial, desequilíbrio, transformação, resolução, situação final, dados, <i>making of</i>
Interdependência	Base, nível de profundidade dependente, nível de profundidade independente
Escolhas narrativas	Expressões, figuras de linguagem, valorização de questões ou depoimentos
Efeitos de sentido	Potenciais sentimentos buscados

Fonte: do autor, 2017.

A narrativa deve ser observada em cada elemento multimídia utilizado. Cada elemento desses, portanto, é uma narrativa com linguagem específica, uma vez que os formatos de vídeo e áudio, por exemplo, não devem ser transcritos integralmente na reportagem. É a complementação do assunto que torna o elemento multimídia relevante e interessante para o leitor.

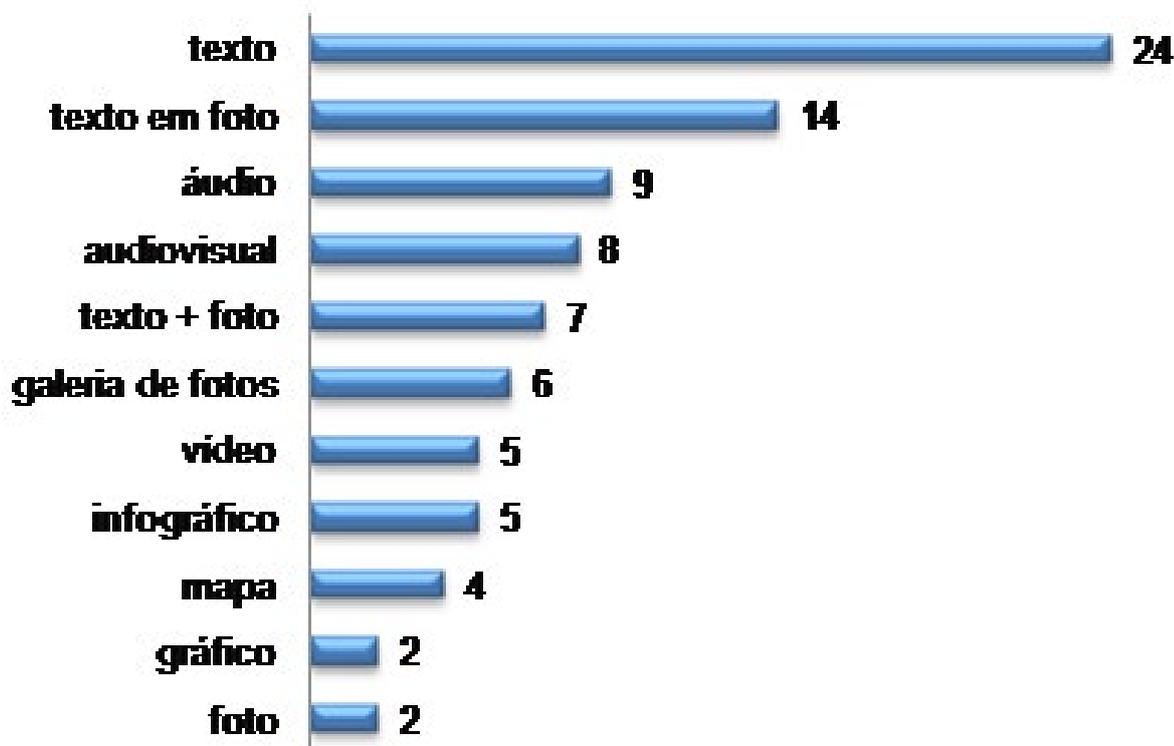
O conjunto de elementos utilizados na reportagem *longform* é o que fomenta a leitura, o que dá fôlego. A internet não estabelece limites criativos e, para o jornalista, esse é um grande desafio: entender os impactos e sentidos que cada recurso hipermidiático e cada bloco narrativo dão à história.

Em geral, as narrativas *longform* podem ser comparadas às diagramações livres de reportagens em revistas, com exploração de todo o espaço disponível para gráficos e fotos. Mais ainda: com a utilização de imagens em movimento e áudio, o *design* visual da reportagem se enriquece.

“As Quatro Estações de Iracema e Dirceu” mantém-se não apenas pelo visual, mas pela narrativa coerente. Conforme o gráfico a seguir, é

possível perceber que o texto se mantém como grande responsável por sustentar a história. No entanto, é relevante o número de áudios, vídeos e infográficos, elementos que tornam a leitura mais fluida.

Gráfico 1 – Recursos de hipermídia



Fonte: do autor, 2017.

O leitor pode escolher entre ter a experiência de todos os recursos de hipermídia e ler a história a partir de um elemento específico. Nesse sentido, a experiência é individual, uma vez que é possível optar por seguir qualquer conjunto de informações: é o leitor quem estabelece o próprio caminho de leitura e a relevância de cada informação. Em “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”, percebe-se que a jornalista não repete informações e não transcreve áudios ou vídeos.

No webjornalismo, a quantidade (e variedade) de informação disponibilizada é a variável de referência, com a notícia a desenvolver-se de um nível com menos informação para sucessivos níveis de informação mais aprofundados e variados sobre o tema em análise. Embora estejam claramente definidos os níveis de informação, não há uma organização dos textos em função da sua importância informativa, mas uma tentativa de assinalar pistas de leitura (CANAVILHAS, 2006, p.13-14).

A forma como os blocos narrativos estão dispostos em “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu” imprime o sentido de leitura vertical,

ainda que a história esteja dividida em grandes temas (Família, Outono, Inverno, Primavera, Verão). A pirâmide deitada, porém, mantém-se na narrativa, por meio dos recursos de hipermídia utilizados, com níveis de profundidade definidos a partir da base da história.

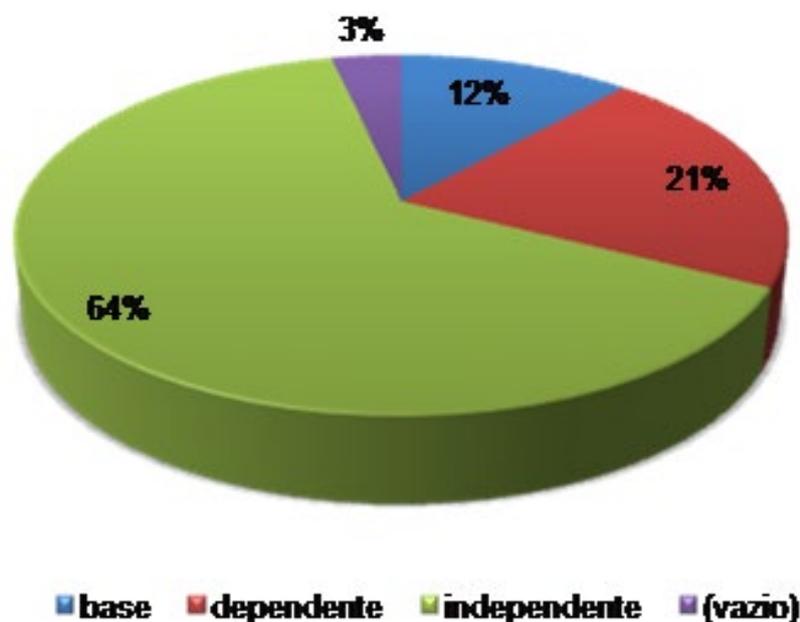
2.1 INTERDEPENDÊNCIA DOS BLOCOS NARRATIVOS

Uma vez que o leitor pode desenhar o próprio caminho entre os blocos narrativos, é importante que o jornalista torne a reportagem *longform* compreensível de forma independente. Se o leitor iniciar pelo 30º bloco narrativo, por exemplo, ele perderá informações anteriores, mas não ficará perdido na história. Pelo contrário: receberá uma parte da narrativa, que se completa com todos os outros blocos. A leitura do *longform* não deve funcionar como um jogo de videogame, em que o leitor precisa passar por determinadas fases para entender o assunto, mas como um quebra-cabeça, com partes que se complementam.

Assim, houve necessidade de verificar a interdependência na narrativa de “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”, com base nos níveis de profundidade de cada bloco narrativo. Ou seja, a informação pode ser básica para o entendimento do leitor sobre o assunto, dependente de uma informação anterior ou independente para a compreensão do assunto.

A partir da análise, pode-se afirmar que 65 blocos da narrativa (76%) publicada pelo Diário Catarinense têm informações de base ou independentes. Isso denota a preocupação da repórter em manter o sentido de complementação da informação na reportagem, acima proposto.

Gráfico 2 – Interdependência dos blocos narrativos



Fonte: do autor, 2017.

Os blocos narrativos considerados dependentes, precisam de informações anteriores para serem compreendidos. Toma-se como exemplo um áudio de 27 segundos, no capítulo “Outono”, intitulado “Embarço”. Nele, a repórter narra sua visão sobre uma cena narrada no bloco textual anterior: o áudio só faz sentido depois de contextualizado por esse trecho. Da mesma forma, outros 17 blocos narrativos são considerados dependentes. Os blocos sem classificação (3) são mapas e fotos, de caráter apenas ilustrativo, que não interferem na compreensão ou na complementação da reportagem.

2.2 RECURSOS PARA A COMPOSIÇÃO DA NARRATIVA

Grande parte de “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu” é textual. Para quebrar e dar fôlego à leitura, um recurso bem utilizado na reportagem são os vídeos de contexto, no início dos capítulos. Neles, apenas há imagem em movimento e trilha sonora. Não há narração. A função é muito mais visual que informativa, mesmo que bem explorada para dar significado ao que será lido a seguir.

A reportagem não aposta muito em interação com o leitor. Foram encontrados cinco blocos narrativos em formato de infográfico: “Pomar de filhos”, “Olhar de Mateus”, “R\$ 54 por pessoa”, “Correspondência na íntegra” e “Raio X”. Nenhum deles utiliza a técnica da paralaxe, que “permite que vários fundos em uma página da web se movam simultaneamente, em velocidades diferentes, para criar uma percepção 3D, enriquecendo a experiência da navegação”. (FREDERICK, 2013, p.18)³². Essa tecnologia ficou conhecida a partir da reportagem “Snowfall”, publicada em 20 de dezembro de 2012 pelo *The New York Times*.

Ao escrever sobre a reportagem paralaxe, Canavilhas (2014, p.8) aponta que:

A navegação verticalizada e intuitiva, em conjunto com a plena integração de conteúdos multimídia, torna a leitura mais imersiva e envolvente, não requerendo ao utilizador conhecimentos de informática muito profundos. Acresce o facto de ser um formato de simples adaptação a computadores, tablets e smartphones.

Uma vez que a tecnologia “*parallax scrolling*” interage com o leitor e torna a leitura mais fluida, vale considerar esse recurso como caracte-

³² Tradução minha. No original: “allows multiple backgrounds in a webpage to move simultaneously at different speeds to create a 3D perception, thus enriching the browsing experience”.

rística relevante para o *longform* na internet, mesmo não sendo objeto da presente análise, por não ser utilizado em “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”.

Na reportagem analisada, os vídeos receberam edição simples, mas não simplista. A aposta fica nas declarações e expressões dos personagens entrevistados, bem como o ambiente que serve de cenário.

Durante toda a reportagem, a autora utiliza os áudios como um *making of*, batizado na obra como “Diário da Repórter”. Todas as informações presentes neles são as impressões da jornalista, sua relação com a família retratada na reportagem, os *insights*.

As fotografias transmitem a miséria e o isolamento social da família, representados nos detalhes da casa e nas expressões faciais. Em certo momento, a repórter entrega a uma criança uma câmera fotográfica para que ela registre momentos da família a partir da sua visão. A estratégia funciona. É um adicional na imersão do texto e na proximidade do leitor com a história.

2.3 SUBJETIVIDADE NA ESCRITA E NA LEITURA

A incansável busca pela imparcialidade é bandeira de todo profissional que zela pelo jornalismo ético e responsável. Apesar disso, sabe-se, a cultura, as opiniões e todo o conhecimento adquirido interferem na forma como o jornalista apresenta a reportagem. Mesmo de forma inconsciente, o jornalista imprime na reportagem suas escolhas, sejam elas de fontes, dados ou perspectivas.

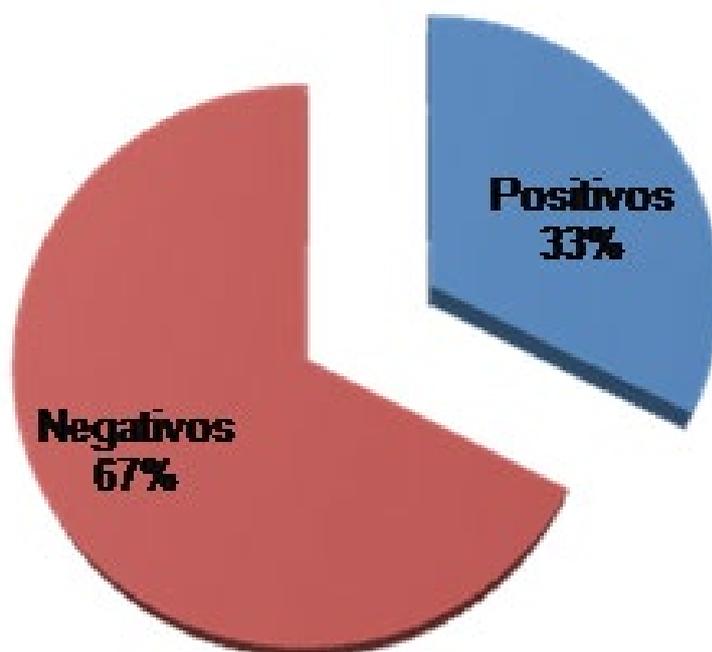
Assim, “o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere ou oculta.” (MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p.33). Para chegar à interpretação dos sentidos sugeridos no texto jornalístico, é necessário observar a retórica, os pesos emocionais na narrativa e as escolhas de expressões, depoimentos ou valorização de temas. Os autores afirmam que essa análise permite identificar os efeitos no momento da leitura, ou seja, os sentimentos que o texto passa ao leitor.

Para chegar a essa identificação, no entanto, a análise da narrativa jornalística deve considerar a subjetividade, com “interpretações simbólicas possíveis que busquem identificar padrões imagéticos, questões que sugerem modelos éticos e estéticos, valores míticos, recorrências.” (MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p.45).

Os textos dos nove áudios são narrados com certa seriedade pela própria repórter. É provável que a intenção para tal seja impor a gravidade da situação vivida pela família retratada na reportagem. Frases como “Na casa, moravam 14 pessoas”, “Era meio assustador, até” e

“A rica Santa Catarina tinha outro lado” ganham ênfase, com narração pausada e dramática. A mesma linha dramática é seguida pelos textos e fotos.

Gráfico 3 – Efeitos de sentido na reportagem



Fonte: do autor, 2017.

Assim, optou-se por classificar os blocos narrativos em “positivos” e “negativos”. Os sentidos, que foram aplicados às classificações de “positivo” e “negativo”, estão vinculados a expressões e palavras utilizadas pela autora na reportagem. Os blocos considerados “positivos” abrangem as contextualizações acerca do tema, informações sobre saúde, alegrias e a esperança da família em mudar a situação financeira. Ou seja, blocos narrativos nos quais o leitor pode ter percepções de emoções agradáveis, a exemplo da citação a seguir, retirada do trecho “Verão”:

Existem outros motivos para contentamentos. As crianças passaram de ano. Os pais estão orgulhosos pela conquista do filho Moisés, 17 anos, que chegou ao ensino médio. Algo inédito na família em que a mãe nunca foi à escola e o pai só fez o segundo ano primário. O rapaz conseguiu emprego em uma fábrica de laminados (BASTOS, 2015).

Por outro lado, os blocos classificados como “negativos” são aqueles que passam ao leitor sentimentos de indignação, tristeza, cansaço, drama, falta de esperança, desigualdade, incômodo, dor:

A falta de informação empurra a família de Iracema e Dirceu para uma espécie de mundo à parte. As causas variam,

mas o certo é que ele e a mulher não desenvolveram o hábito de acompanhar os noticiários. Com tantas carências ao longo da vida, aparelhos de rádio e de TV sempre foram vistos como artigos de luxo. Também por terem passado grande parte da vida em comunidades onde a comunicação não chega. Outra questão é a rotina de trabalho, que no meio rural funciona diferente do urbano. Cansado das atividades, o agricultor prefere se deitar cedo a ficar vendo televisão (BASTOS, 2015).

Com essa classificação (Gráfico 3), observa-se que a reportagem tem sua maioria com blocos narrativos “negativos”. Nessa análise, a reportagem pode ser considerada de teor dramático.

O engajamento do leitor com o texto se baseia, portanto, nas características textuais (contextualização, aprofundamento, imersão, humanização e escolhas narrativas da autora) associadas aos elementos multimídia, à hipertextualidade e interatividade próprias do ambiente *online*.

3 CONCLUSÃO

Entender o crescimento do jornalismo *longform*, cada vez mais presente, não é difícil quando apontados os elementos das grandes reportagens jornalísticas e as funcionalidades que a internet possibilita. Esse formato carrega características específicas do jornalismo *off-line* (jornais e revistas impressas) para o ambiente online, como:

- a) período longo de apuração e produção da reportagem;
- b) narrativa longa e, conseqüentemente, tempo de leitura estendido;
- c) escolhas narrativas, desde a contextualização do tema, aprofundamento, imersão e humanização.

Além disso, os elementos multimídia, a hipertextualidade, multilinearidade e interatividade na web ajudam a manter a relevância e estimulam a procura por esses conteúdos.

Conforme apontado neste artigo, a tecnologia *parallax scrolling* também pode significar um adicional interessante para a experiência do leitor. Com ela, as informações surgem na tela de acordo com a velocidade de leitura. A interação, portanto, chega a um alto grau, em que o controle das informações que surgem é totalmente do leitor, sem necessidade de conhecimento prévio da tecnologia.

Dessa forma, o *longform* se estabelece como uma renovação da narrativa jornalística no ambiente digital. “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu” mostra um caminho a ser explorado cada vez mais pelos

jornalistas brasileiros, provando que, se a pauta não consegue espaço suficiente para ser desenvolvida nos materiais físicos, ou se os sentidos propostos precisam ser expressos além do papel, a internet pode ser o melhor meio.

4 REFERÊNCIAS

BACCIN, A. A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13., 2015, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: SBPJor, 2015. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/download/4763/1105>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

BASTOS, Â. **As Quatro Estações de Iracema e Dirceu**. Diário Catarinense, 2015. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CANAVILHAS, J. A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web. In REY, P. R.; PISONERO, C. G., **Contenidos innovadores em la Universidad Actual**. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014.p. 119-129.

_____. **Do jornalismo online ao webjornalismo**: formação para a mudança. In: BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2016.

_____. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 3-24.

FISCHER, M. C. **Longform: means more than just a lot of words**. American Journalism Review. Disponível em: <<http://ajr.org/2013/12/17/longform-means-just-lot-words>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

FREDERICK, D. M. **The Effects Of Parallax Scrolling On User Experience And Preference In Web Design**. Department of Computer Graphics Technology Degree Theses, 2013. Disponível em: <<http://docs.lib.purdue.edu/cgthseses/27>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

GONZAGA-PONTES, C.; RIBEIRO, A. E. Ler e recarregar a página: um exercício analítico sobre a reescrita da webnotícia. **Revista Brasileira de**

Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v.13, n.1, p.105-121, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v13n1/aop1912>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

LONGHI, R.R. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1081-1.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

_____. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.21, n.3, p.897-917, 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 24., 2015, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: COMPÓS, 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-3c242f70-9168-4dfd-ba4c-0b444a-c7347b_2852.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2016.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 31 out. 2016.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.27, n.2, p.31-51, jul./dez. 2004.
